

## A senhora do ônibus da meia noite

Série Crônicas – Texto 44



Por volta do ano de 1984, quando o metrô da linha vermelha na cidade de São Paulo só chegava até a estação Tatuapé, quem morava no bairro de Itaquera, como eu, dependia dos ônibus para ir e voltar do trabalho para casa.

A minha dependência se mostrava ainda maior porque, naquela época, eu saía às 23:45h<sup>1</sup> do trabalho e o último ônibus, o da meia-noite, ficava a 2km de distância, o que me impunha sair precisamente no horário e andar apressadamente

para não o perder.

Certa noite, porém, eu não consegui chegar a tempo e me vi diante de um desafio.

O ponto final de onde este ônibus partia ficava na praça Clóvis Bevilacqua, ao lado da praça da Sé e, além dele, a única alternativa era uma linha de ônibus intermunicipal, da cidade de Ferraz de Vasconcelos, que era mais cara e ficava a 1km de distância dali, na praça Ragueb Chohfi, em um dos extremos do famoso terminal de ônibus do Parque Dom Pedro.

Para alguém jovem como eu à época não seria nada demais ir até lá, mas à meia-noite as luzes da avenida Rangel Pestana seriam deixadas para trás assim que eu virasse a primeira esquina de um caminho longo, desconhecido, mal iluminado, deserto e com sacos de lixo aguardando a coleta, tudo desenhando um cenário não apenas obscuro, mas também propício a se deparar com ladrões e assaltantes.

Como naqueles tempos os celulares ainda não existiam e a maioria das famílias da zona leste, como a minha, sequer tinham telefones fixos em casa, não havia como eu fazer uma ligação de algum dos muitos orelhões da cidade. Então, só me restava enfrentar o desafio e começar a caminhada.

Assim que adentrei a primeira rua escura, a Bittencourt Rodrigues na sua esquina com a Av. Rangel Pestana, me lembro que combati o medo recordando de certa vez em que alguém me disse que quando alguma coisa importante não dá certo, sempre há a possibilidade de Deus estar intervindo para nos mostrar algo novo, ou para nos livrar de algum mal ou, ainda, nos levar a experimentar um bem maior.

Mas depois de uns quinze minutos de caminhada sombria, solitária e reflexiva, alcancei as luzes do parque Dom Pedro e rumei em direção ao extremo dele onde ficava o ponto final dos ônibus de Ferraz.

Chegando lá, me alegrei ao encontrar um deles estacionado e aguardando, de portas abertas, o horário de partida.

Mas só senti alívio pleno quando o adentrei e me sentei no primeiro banco da frente, logo atrás do motorista, onde havia um vidro de separação entre ele e os passageiros, o qual, como todos os motoristas costumavam fazer, estava acortinado com um pano decorativo para demarcar o seu posto de trabalho.

Tentando conseguir uma sensação ainda maior de proteção e segurança, também escolhi me sentar no lado da janela para me sentir em um canto mais isolado dentro do ônibus, como se isso fosse possível.

E como eu sempre apreciei ler e estudar durante aquelas viagens diárias, alternando a vista para fora de quando em quando para observar as paisagens e conferir o caminho até a chegada em casa, aquele cantinho me pareceu bastante confortável e acolhedor.

Mas, passados dois ou três minutos de espera pela partida, me abstraí do ambiente interno do ônibus ao observar o que se passava na praça lá fora e o que as pessoas estavam fazendo nela naquelas altas horas da noite.

De repente, um solavanco no meu ombro trouxe a minha atenção de volta para dentro e, ao me virar, vi que uma senhora idosa, de traje bastante envelhecido, havia entrado pela porta da frente<sup>2</sup> e se assentado ao meu lado sem muito cuidado, a qual, tentando disfarçar o mal jeito, balbuciou alguma saudação minimalista e maternal que o tempo não me permite mais lembrar. Naquela época eu sofria de uma timidez muito forte e, confesso, o primeiro sentimento que senti quando ela me cumprimentou foi de vergonha por me ver, repentinamente, como alvo das atenções dos demais passageiros.

Afinal, um jovem de camisa social e visivelmente introvertido a conversar com uma senhora que, naqueles tempos era evitada e chamada de mendiga, dentro de um ônibus de tarifa mais cara e às 00:20h da madrugada, convenhamos, não poderia ser algo que aquelas pessoas estivessem acostumadas a ver.

Entretanto, aquela senhora soube atrair a minha atenção. Ela passou a me relatar, de uma forma tão sentida e sincera as suas dificuldades, decepções e derrotas sofridas ao longo da sua vida, que me vi gradualmente interessado em ouvir a sua história.

A viagem dali até o ponto de descida perto da minha casa duraria cerca de uma hora, tempo que eu e ela compartilhamos integralmente, ora ela relatando a sua história, ora eu lhe recomendando alguma orientação cristã.

Mas a cena mais inusitada para mim aconteceu quase no final, a menos de 5 minutos de distância da minha descida.

Me lembro de tê-la recomendado que procurasse uma igreja inspirada, temente a Deus e que valorizasse os seres humanos acima da denominação, para que ela prosseguisse recebendo orientação à fé e amparo material para a sua vida tão sofrida, carente e necessitada.

Ela aceitou, esperançosa, todos os conselhos passados ao longo da viagem e eu aceitei aprender uma das duras realidades das pessoas em situação de grande pobreza como a dela, de modo que já não havia mais qualquer barreira de resistência ou preconceito entre nós.

Foi então que o meu coração se apertou com uma voz que parecia vir lá do ponto mais profundo dele, a qual me disse “- *Você não vai dispensar esta pobre senhora com um simples ‘Deus te abençoe’, né?*”

Naqueles tempos era comum as pessoas trazerem em suas bolsas e carteiras o chamado “dinheiro do ladrão” para evitar de serem agredidas por algum assaltante irritado por uma carteira vazia, como também era comum trazerem consigo os três últimos *holleriths*<sup>3</sup> para provarem para a polícia que tinham emprego registrado e serem liberadas em alguma *blitz*<sup>4</sup>.

Eu não tinha certeza do quanto eu tinha na carteira, mas a peguei e a abri. Foi quando vi que o dinheiro trocado fora usado na cara passagem daquele ônibus, restando uma única cédula que, nos dias de hoje corresponderia a atual nota de R\$ 50,00.

Era um valor alto para mim tanto quanto seria inacreditável para ela, mas àquela altura, inacreditável qualificava tudo o que estava acontecendo naquela madrugada desde o momento em que eu perdi o meu ônibus.

Mas, meditando rapidamente sobre aquele instante, tive a certeza de que o peso daquela cédula estava plenamente alinhado com o valor daquela viagem inusitada e também das tantas orientações bíblicas que eu consegui lembrar e transmitir a ela.

Então, peguei a nota e lhe ofereci. No mesmo instante ela colheu a minha mão dentro das suas e me mostrou o semblante mais grato e feliz que eu já tinha visto na vida.

Eu tive que desembarcar no meu ponto logo depois, e ela prosseguiu na sua viagem.

Já havia passado de 01:00h da manhã, mas quando eu desci e iniciei a minha caminhada para a minha casa, eu estava completamente tomado pelo sentimento de dever cumprido e maravilhado com o que Deus tinha feito comigo por causa do seu amor por aquela mulher.

Hoje, também medito no incômodo inicial, que depois evoluiu para admiração, entre os demais passageiros daquele ônibus e concluo que, de fato, Ele preparou tudo, inclusive pensando neles também.

Por fim, para mim também ficou confirmada a realidade daquela teoria do insucesso com o fim de se alcançar um bem maior, pois com ela Deus me alentou e me protegeu naquele caminho escuro no centro da cidade.

Eu nunca mais vi aquela senhora, pois nunca mais eu perdi o meu ônibus, mas a soma das circunstâncias inusitadas e especialmente impactantes daquela madrugada, me dão grande convicção de que nada foi por acaso e nem por coincidência. Tenho fé de que, depois de mim, Deus seguiu cuidando dela, tocando e movendo outras pessoas para levá-la a novas circunstâncias, igualmente inusitadas e imprevisíveis, mas especialmente impactantes e salvadoras.

Até hoje me sinto honrado por ter sido escolhido naquela noite para o amparo daquela vida.

Certamente a admiração que tenho por uma das frases do apóstolo Pedro, com a qual finalizo esta crônica, tem naquela experiência pessoal que tive com Deus, boa parte da sua origem.

Esta é a história da senhora do ônibus da meia-noite.

Espero que ela inspire quem a ler para que supere qualquer sentimento de baixa autoestima e creia que Deus também pode lhe usar para um bem maior, ainda que a princípio seja necessário enfrentar alguma perda ou algum desafio, pois ao final o prêmio não tem preço e é simplesmente inesquecível.

*“...antes santificai em vossos corações a Cristo como Senhor; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós;” (1Pe 3:15)*

*Pr. Carlos V. Ricas*

\*\*\*

**Anotações do texto:**

1. Naqueles tempos eu já trabalhava com TI e o expediente se limitava legalmente a 6 horas de duração devido a insalubridade dos monitores CRT dos computadores da época. Também cooperava o fato da hora noturna ser de 52,5min em vez de 60min, impondo o fim do turno às 23:45h.
2. Naquela época o embarque era feito pela porta de trás e o desembarque era pela porta da frente, mas quem tivesse direito ou a permissão do motorista para viajar gratuitamente, como fez aquela senhora, embarcava pela porta da frente.
3. Contracheque, recibo de pagamento do empregador. Aquela época era comum ser citado pelo sobrenome do americano inventor do sistema de registro de ponto por cartões perfurados, Herman Hollerith.
4. Operação policial rápida e inesperada, geralmente com recurso a um grande número de intervenientes em locais considerados suspeitos. Apesar de haver a correspondente em português 'blitse', era comum falar dessas operações policiais utilizando o nome alemão original.

1ª edição: 28.out.2024

Última revisão: 02.fev.25

**SOBRE A SÉRIE CRÔNICAS**

São relatos de situações involuntárias vividas no cotidiano do autor e nas quais ele reconhece ter vivenciado algo especial, seja em algum aspecto da prática da vida cristã como, por exemplo, os atributos de Deus, seja um prenúncio de algum fato futuro ou um entendimento de algum fato passado, ou ainda, o reforço de algum valor ou princípio que baseia a fé em Cristo e que possa, hoje, incentivá-la ou aprimorá-la na vida dos leitores.

---

. Ilustração: Nicolas Moraes - nicomoraes77@gmail.com

. O conteúdo deste material pode ser compartilhado e divulgado livremente, desde que mencionada a fonte.

. Outras crônicas e materiais de pesquisa do Pr Carlos Ricas, podem ser encontrados em seu website: <http://www.temasbiblicos.com.br>